

AS LENDAS DE BÉCQUER: UMA PROPOSTA PARA A INTRODUÇÃO DA LITERATURA ESPANHOLA NAS AULAS DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

**- The Legends by Bécquer: A Proposal for Introduction to Spanish Literature in Spanish as
a Foreign Language -**

Diogo REATTO¹
Cristiane Magalhães BISSACO²

RESUMO: Este estudo tem como objetivo apresentar a vida e a obra do poeta romântico espanhol Gustavo Adolfo Bécquer por meio da leitura e da análise de suas lendas. A pesquisa apresenta a personalidade do autor caracterizada em sua obra e, para ilustrar o trabalho, mostram-se os métodos e os resultados da leitura dessas lendas em sala de aula visando a trabalhar o conteúdo literário-cultural nas aulas de Espanhol como língua estrangeira.

Palavras-chave: Literatura Espanhola, Romantismo, Prosa.

ABSTRACT: This study aims to introduce the life and work of the Spanish romantic poet Gustavo Adolfo Bécquer through lecture and analysis of his legends. The research presents also the personality of the author whose it can be deeply noted in his work. Illustrating better this study, lecture methodology of the legends in classes and its results are shown aiming to work the literary and cultural contents in Spanish classes as a foreign language.

Keywords: Spanish Literature, Romanticism, Prose.

¹ Professor de Língua Espanhola e aluno do 4º. Ano de Comércio Exterior do Centro Universitário Toledo de Araçatuba /SP.

² Professora de Língua Espanhola do Centro Universitário Toledo e Doutoranda em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Mestre em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Especialista em Estudos Avançados da Lingüística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/UNESP Campus São José do Rio Preto, Licenciada em Letras pelas Faculdades Integradas Toledo de Araçatuba/SP.

I. Momento histórico

De acordo com ÁLVAREZ e PECHARROMÁN (2000), Gustavo Adolfo Bécquer viveu grande parte de sua vida sob o reinado instável de Isabel II, 1833-1868. Após o pai da princesa ter assinado uma sanção anulando a Lei Sálica – lei que excluía as mulheres do direito à sucessão ao trono – somente para abdicar sua filha, seu avô, Carlos IV, e partidários organizaram um ataque para que Don Carlos pudesse restabelecer seu governo, pois ele era a favor da Lei Sálica. Assim, deu-se início à Guerra Civil de 1833, contrapondo idéias de carlistas e liberais. Apesar dos problemas sociais graves e de embargos ao clero, a rainha, apoiada nos liberais, somente consolidou seu trono após oito anos de luta, em 1840.

A partir de 1843, após um extenso período de guerras externas e internas, começou a imperar na Espanha um período de estabilização econômica com grandes avanços no legislativo, na educação e no sistema monetário, com a criação da Fazenda e da peseta. “Foi uma época de crescimento econômico em que se solidificaram as bases de um sistema capitalista moderno e se iniciou uma política exterior ativa [...]” (ÁLVAREZ; PECHARROMÁN, 2000, p. 148).

Porém, os tempos difíceis de conflitos não demorariam a reaparecer pois, em 1866, com uma crise mundial que afetou a indústria e comércio espanhóis, a oposição deu início a outro movimento revolucionário que fez Isabel II fugir para a França em 1868. Esse foi o fim do seu reinado e com sucessivas mudanças de chefes de governo, em 1873, uma breve república foi proclamada, que deixou de existir no mesmo ano.

No entanto, a Espanha provaria um grande período de estabilidade política e econômica sob o reinado de Alfonso XII, filho de Isabel II.

Sobre os inventos deste período, podemos destacar o primeiro tear para algodão, o barco a vapor, o primeiro trem, o telégrafo e o início do uso da eletricidade. Contudo, a adoção desses inventos e sua difusão pelo país foram lentas devido às causas já expostas o que fez piorar o comércio com os demais países (MATHAR NETO, 2003, p.81).

II. Romantismo

O Romantismo europeu tem suas raízes na filosofia e cultura alemãs dos últimos 25 anos do século XVIII quando se propõe a criação literária às margens das regras clássicas, ao valorizar a expressão artística e os sentimentos. Publicado em 1774 por Johann Wolfgang Goethe, escritor alemão, seu romance *Wether* lança as bases definitivas do sentimentalismo romântico. Então, este gênero difunde-se rapidamente na Inglaterra através de Lord Byron e, depois, pelo resto da Europa.

Pelo artigo disponível na Biblioteca Virtual: *Rimas y Leyendas de Bécquer*, o começo do Romantismo na Espanha tem caráter conservador em parte pela tentativa de conter o domínio de Napoleão Bonaparte, quem difundia o espírito liberal Europa, e também pelo Poder Absolutista espanhol impor a volta aos modelos arcaicos, tradicionalistas e baseados na religiosidade da Idade Média. No entanto, um Romantismo revolucionário e liberal ganha força e atinge seu auge com a morte do rei Fernando VII no ano de 1833.

“No entanto, juntamente a este Romantismo arcaico, tradicionalista e cristão, incrementa-se anos mais tarde outro de tipo revolucionário e liberal, que pretendia destruir todos os valores morais, políticos e estéticos vigentes até então. Seu auge coincide com a Revolução Francesa de 1830 e o triunfo do liberalismo na maior parte dos países europeus. Na Espanha, o começo do Romantismo revolucionário se deve, sobretudo, à volta dos emigrantes liberais por ocasião da morte de Fernando VII”²
(BIBLIOTECA VIRTUAL: RIMAS Y LEYENDAS DE BÉCQUER).

O triunfo do romantismo tem lugar com a estréia da obra teatral do Duque de Rivas, *La conjuración de Venecia*, de 1834, e *Don Álvaro ou La Fuerza el Serio*, de 1835. No entanto, o apogeu romântico foi curto: de 1835 a 1840. Após este período, chegamos a um período de transição entre o final do Romantismo – 1850 – e a consolidação do Realismo, em 1870, ao qual damos o nome de pós-romantismo em que, cronologicamente, pertence o autor Gustavo Adolfo Bécquer.

Compilando as principais características desse período de diversos autores, temos: egocentrismo; culto do “eu”; ânsia e exaltação pela liberdade humana; subjetivismo,

irracionalidade, isolamento e solidão; busca pela perfeição; angústia: a vida como um problema insolúvel; choque entre realidade árdua e sentimentos e ideais do romântico; nacionalismo, ufanismo; apelo à imaginação, à sensibilidade; preferência por ambientes noturnos, propícios às reflexões; folclore, motivos populares; exaltação da natureza como ambiente ou forma de refúgio; retorno ao passado histórico e ao catolicismo medieval; criação de um herói nacional – no caso da Espanha, belos e jovens cavaleiros medievais; sentimentalismo exacerbado, assim como o define NICOLA:

“[...] verdadeiro ‘cartão de visita’ de todo o movimento, é o sentimentalismo, a supervalorização das emoções pessoais: é o mundo interior que conta, o subjetivismo”
(1993, p. 12).

Entre os autores hispano-americanos de destaque desta época estão: o cubano José María de Heredia; o jornalista Mariano José de Larra; José de Espronceda e José Zorrilla. Entre os pós-românticos estão a galega Rosalía de Castro e Jaime Ferrán, além de Gustavo Adolfo Bécquer, sobre o qual comenta Idel Becker, escritor argentino: “Certamente, o maior de todos os poetas românticos da língua espanhola. [...] É o poeta mais popular, o ‘mais lido’, recitado e imitado’ na Espanha e em Hispano-américa” (1943, p. 159).

III. Vida

O poeta espanhol Gustavo Adolfo Bécquer nasce no número 26, da rua Ancha de San Lorenzo, atual Conde de Barajas, no típico Bairro de San Lorenzo, em Sevilha, numa quarta-feira, aos 17 de fevereiro de 1836. A referida casa ainda existe e pertence ao falecido toureiro Antonio Fuentes Zurita, informação essa asseverada pelo Diário de Sevilha de 30 de outubro de 2000 (LA SUPREMA ELEGANCIA, 2000, § 3º).

Filho de Don José Domínguez Isauste, pintor, e de Doña Joaquina Bastida y Vargas, após iniciar sua carreira literária, substitui seu sobrenome Domínguez Bastida por Bécquer, este oriundo de um descendente de Flandes.

Aos cinco anos fica órfão de pai e aos nove perde sua mãe. Por bondade, Don Juan de Vargas, tio de sua mãe, recolhe a Bécquer e a seus oito irmãos. Logo, aos 10 anos, ingressa no Colegio de Mareantes de San Telmo, em Sevilha, para formar-se piloto das frotas mercantis. No entanto, devido às instabilidades políticas da época, sob uma ordem real, esse colégio deixa de existir, interrompendo assim a formação do futuro poeta. Assim, em dúvida por quais caminhos trilhar, recebe o fundamental apoio de sua madrinha, Doña Manuela Monnehay³, que o acolhe, educa e lhe dá...

“...o quanto o garoto pudesse querer e necessitar de uma ternura de mãe, de calor de um lar e livros, nos quais aquele espírito sedento e ambicioso pudesse se saciar. E mesmo que a boa senhora desejasse que o garoto fosse pintor, como meio seguro de ganhar a vida, já que ter esta profissão era de família, ademais foi ela que, com aquelas leituras, sem querer assegurou a verdadeira vocação e fez de Bécquer um escritor”⁴
(QUINTERO, 1954, p.20).

Também influenciado por autores como Horacio y Zorrilla e todos outros quantos pudesse ler, abdica definitivamente à arte do desenho e, rechaçando sua madrinha, aos 18 anos muda-se para Madrid em busca de novas aventuras e influências literárias.

Sua chegada a Madrid é decepcionante: com escasso pecúlio, é acolhido por Doña Soledad, dona de uma pensão que abriga, inclusive, artistas em dificuldades.

Pelos fatos históricos encontrados na literatura pesquisada, naquele momento, Bécquer faz de tudo um pouco: escreve para jornais por ele fundados, porém de curta duração como El Porvenir, El Mundo e El Contemporaneo; traduz folhetins; associa-se a amigos para escrever e assina tais obras com pseudônimos; compõe zarzuelas⁵, biografias de políticos da época, artigos, desenhos e trabalha num emprego administrativo do qual recebe sua demissão após ser flagrado por seu chefe escrevendo versos durante o expediente.

Para conhecer seu país e buscar novas fontes de inspiração, viaja por Sória, Ávila e Toledo. Assim, apaixonou-se por Julia Espín a quem dedica algumas de suas melhores poesias.

Já convalescente do mal que o levaria à morte, a tuberculose, volta para Madrid e, em 1861, casa-se com Casta Esteban Navarro, filha do médico que o tratara na fase mais grave de

sua doença, e com ela tem três filhos, num histórico de um relacionamento conturbado de rompimentos e reconciliações.

No mesmo ano, recebe a seu irmão pintor, Valeriano Bécquer, que se junta a ele para conquistar fama. Valeriano se converte no pilar de sustentação de seu irmão, sendo ele quem o ajuda em suas enfermidades e o acompanha em 1864 ao Monastério de Veruela, na Sierra de Moncayo, para recuperar-se, após uma recaída, em ares saudáveis e puros daqueles campos.

Recuperado e de volta a Madrid, recebe o cargo de “Fiscal de Imprensa” com a função de censurar livros e artigos. Consegue, assim, certa estabilidade econômica junto à ascensão artística de seu irmão.

No entanto, sua vida seria abreviada no exato momento em que alcança certo reconhecimento e estabilidade econômico-social. Em 23 de setembro de 1870 morre Valeriano e, durante o rigoroso inverno do mesmo ano, em 22 de dezembro, morre, em Madrid, o grande poeta visionário sevilhano, com apenas 34 anos.

“Naquele dia houve um eclipse do sol em Madrid. E isso não é uma metáfora”⁶ (QUINTERO, 1954, p. 39).

Algumas características da personalidade de Bécquer merecem ser mencionadas para que se compreenda a influência que tiveram em sua obra, a qual será tratada no próximo capítulo. Após a leitura de vários autores e da própria literatura de Bécquer, pode-se afirmar que seus adjetivos eram: melancólico, solitário, temeroso, sonhador, introvertido, calmo, humilde, sério, discreto, tímido, perseverante, altamente criativo e autodidata.

IV. Obra

Pela biografia de Bécquer, conclui-se que seus trabalhos começam senão pelo desenho, influência da veia artística de seu pai e de seu irmão, Valeriano. Porém, ainda garoto, nota-se uma mescla entre desenho e seus primeiros traços literários num caderno de fluxo de caixa de seu pai, o qual, após a morte do mesmo, converte-o num diário cujo conteúdo nos conta QUINTERO:

“Fragmentos de poesias, de artigos, e mais, esboços de desenhos a lápis e à pluma, salpicam arbitrariamente as folhas que antes estavam destinadas a conter anotações de ordem econômica. Já encontramos início de uma lenda, semente talvez das Três Flechas ou de Raio de Lua; [...] versos horacianos; [...] um audaz estudo crítico sobre Hamlet [...]”⁷ (1954, pg. 22).

No entanto, o talento de Gustavo Adolfo Bécquer, tendencioso à literatura, é auxiliado em seus estudos por Francisco Rodríguez Zapata, discípulo de Alberto Lista y Aragón – 1775-1848 – sacerdote, poeta e crítico literário sevilhano.

A obra de Bécquer é composta de Rimas, Cartas e Lendas. Suas lendas constituem um grupo de 18 relatos aparecidos na imprensa entre 1858 e 1864, escritos em prosa e dotados de simplicidade, de tom místico, de sensibilidade exasperada que tornam a mensagem massiva – as quais, por influência do jornalismo, não têm um matiz elitizado. Da mesma maneira, RÍO (1998) afirma:

“De espírito idêntico ao da poesia e não inferior em qualidade artística é a prosa das *Lendas*: vaporosa, delicada, rítmica, rica em descrições, imagens e sensações [...] se objetiva o mundo sentimental e lírico das rimas.”⁸

E, para QUINTERO (1954), as lendas nasceram das características físicas e psicológicas do poeta o que, conforme o trecho, remete-nos à sua biografia:

“Pois bem: deste viver febril, atormentado, doentio e esperançoso em um tempo; deste arrastar o corpo miserável e deixar a alma subir às estrelas; deste não querer discernir nunca o que é verdade do que é sonho; deste meditar horas e mais horas sobre a paixão, sobre o amor, sobre a natureza e o mistério; deste ouvir que a fonte ri y que choram as folhas secas; deste perseguir uma mulher <<de névoa e luz>>, vista por ele entre os desenganos de humanos amores; desta, enfim, incessante e viva criação do cérebro [...]”⁹

A seguir, segue a lista de suas 18 lendas bem como o respectivo ano de publicação.

1. 1858 – El caudillo de las manos rojas; 2. 1860 – La cruz del diablo; 3. 1861 – La creación; 4. 1861 – El Monte de las Ánimas; 5. 1861 – La ajorca de oro; 6. 1861 – Los ojos verdes; 7. 1861 – Las hojas secas; 8. 1861 – Maese Pérez el organista; 9. 1862 – Creed en Dios;

10. 1862 – El cristo de la calavera; 11. 1862 – El rayo de luna; 12. 1862 – El miserere; 13. 1863 – El beso; 14. 1863 – El gnomo; 15. 1863 – La promesa; 16. 1863 – La corza blanca; 17. 1863 – La cueva de la mora; 18. 1864 – La rosa de la pasión.

Todas as lendas têm características comuns notadas e descritas por vários autores como RÍO (1998), GUTIÉRREZ (1945), LÓPEZ (1996), BECKER (1943), QUINTERO (1954) entre outros: domínio do ambiente misterioso, sobrenatural e mágico; personagens envoltos pela fantasia e sentimento; cenário de cidades medievais, campos e florestas escuras, igrejas, palácios, fontes e ruínas; os personagens são cavaleiros apaixonados que fazem as vezes do herói romântico, fantasmas, mulheres idealizadas, de tendência platônica; busca pelo inalcançável, pela morte ou loucura como fuga; folclore europeu, em especial o espanhol, ao retratar tradições populares regionalistas; subjetivismo e religiosidade; alternância – escolha de estilos – entre o maravilhoso e o lírico, a inconformidade do presente com o passado; estilo simples para recobrir a complexidade do conteúdo.

Contudo, Gustavo Adolfo Bécquer consolidou seu prestígio na literatura espanhola e mundial deixando uma obra, um legado sem precedentes. Sobre esta influência, GUTIÉRREZ (1945) complementa a idéia:

“[...] incomparável e fino poeta, criador, sem saber, de uma nova poesia: a poesia do sentimento e da delicadeza sutil, da nota breve, simples, mas cheia de sugestão, antes desconhecida na poesia espanhola”.¹⁰

E LÓPEZ (1996), neste excerto, menciona-o como um dos grandes poetas espanhóis:

“Figura que melhor traduz a lírica do século XIX espanhol, Bécquer pode ser considerado, graças ao profundo subjetivismo e à forma limpa e imaginativa de seus versos, como o ponto de partida de uma linha que conduzirá a obra de grandes poetas das primeiras décadas de nosso século XX”.¹¹

V. As lendas de Bécquer em sala de aula

A idéia de trabalhar o autor romântico Gustavo Adolfo Bécquer nas aulas de espanhol como língua estrangeira, veio da necessidade de apresentação de conteúdo cultural nessas aulas,

de resposta às perguntas de alunos quanto aos elementos folclóricos europeus e do desenvolvimento da língua ao fomentar a escrita através da leitura. Corroborando o método de leitura adotado, assim afirma MICOTTI (1980, p. 25):

“A leitura é um modo particular de aquisição de informações. Lançamos mão de estratégias de leituras diferenciadas para aprender as informações contidas nos diferentes textos, e o nosso interesse nas informações e o objeto desejado vai determinar o tipo de leitura a ser feito. Esta flexibilidade de atenção, as várias formas de ler para aprender os sentidos dos textos diversificados, é fundamental para o leitor e sua adaptação ao mundo moderno”.

É entendido que todas as aulas de espanhol como língua estrangeira devem trazer de forma lúdica ou não um conteúdo cultural, podendo ser uma canção, um jogo, falsos cognatos, expressões idiomáticas regionais, literatura, geografia, história e biografias. No entanto, afirmam que elas sempre têm uma abordagem superficial por não ser ora de domínio pleno do professor, ora por ser apresentada como conteúdo obrigatório pelo material didático adotado para se trabalhar. Logo, para se retificar este panorama e introduzir os alunos num contexto histórico, cultural e literário maior, escolheu-se o referido autor devido às características também já citadas e, principalmente, para fazer com que os alunos relacionem aquela realidade cultural e social à deles ao responder perguntas comuns como: “quais são os personagens folclóricos dos países de cultura hispânica?”, “há sacis-pererês na Espanha?” e outras.

Inicialmente, foram estabelecidos três grupos-controle distribuídos em duas diferentes escolas particulares de idiomas na cidade de Araçatuba, Estado de São Paulo, Brasil, nomeados C1, C2 e C3, com os quais se trabalhou durante todo o tempo desta pesquisa. O grupo C1 contava com 7 alunos que se apresentavam no nível B1 do Marco Comum Europeu de referência para o ensino, aprendizagem e avaliação de línguas modernas¹² e com média etária de 21 anos; o grupo C2, com 4 alunos, também no nível B1 e média etária de 17 anos; e, C3, com quatro alunos, no nível A2, com média etária de 16 anos.

Logo, planejou-se quais seriam as lendas a serem trabalhadas e o que se queria obter de informações desses alunos, estas discutidas posteriormente neste estudo. O planejamento é vital para o sucesso da pesquisa, assim afirma TERZI (1995):

“[...] só o contato com os textos não garante a aprendizagem necessária, pois nada tem efeito mais profícuo que uma intervenção pedagógica eficaz. E isso não é possível sem um planejamento cuidadoso do trabalho”.

Contudo, o professor elegeu, aleatoriamente, as lendas “La corza blanca” para o grupo C1, a lenda “La cruz del diablo” para C2 e, dando liberdade de escolha a C3, que elegeu “La cruz del diablo”, escolha justificada por gostos pessoais. A seleção dos textos becquerianos para a pesquisa é justificada pela existência de uma versão destes textos, adaptada por Margarita Barberá Quiles, com o título *Dos Leyendas*, já disponível no mercado editorial, fato que facilitou o trabalho e adequou-se perfeitamente ao nível e necessidades dos grupos-controle. O material foi parcialmente fotocopiado e entregue para leitura individual.

Previamente, explanou-se a necessidade de se conhecer mais profundamente a vida e a obra do autor bem como o contexto histórico e a sua escola, com a finalidade de se identificar os traços literários característicos do autor. Ao ler a lenda, os alunos deveriam ser capazes de identificar essas características, justificando-as baseado nas respectivas passagens dos textos; atentar ao narrador com o objetivo de separar o irreal e o imaginativo dos seus reais desejos, bem como analisar a história através dos diferentes pontos de vista dos outros personagens. Dessa forma, os alunos seriam capazes de responder a muitas perguntas antes propostas.

Como método avaliativo para C1 e C2, valeu-se de discussão em classe e em grupo sobre as lendas, resposta de questionário com perguntas objetivas e dissertativas, assim como a criação de uma versão própria para o desfecho de cada história. Para C3 não foi aplicado questionário dissertativo.

Colocar o aluno sempre em posição indagadora da veracidade do escrito pelo autor foi o ponto chave para fazer com que os mesmos relacionassem a realidade de Bécquer com a realidade deles no atual século XXI, pois o escritor busca, com seu rigor estilístico e narrativo, a máxima realidade naquilo que é fantasia, irreal. “E em deixar sempre interposto um véu de mistério sobre o real”¹³ (RÍO, 1998, p. 47).

Portanto, sugere-se a leitura do capítulo seguinte para que se tome, inicialmente, conhecimento do conteúdo das lendas trabalhadas antes de se saber os resultados obtidos com todos os grupos.

VI. Resumo e comentários das lendas trabalhadas

6.1 La Corza Blanca

La corza blanca é uma lenda aragonesa, isto é, ambientada na província de Aragão, localizada no noroeste da Espanha. De espaço de feitiçaria medieval, o tema principal é a metamorfose da mulher amada ou idealizada em um elemento de beleza da natureza e não necessariamente da realidade.

A narração trata sobre um nobre aragonês apaixonado pela caça, don Dionís, e sua filha, Constanza, de apelido Açucena dada sua alvura, esta, por sua vez, tem um criado cujo nome é Garcês. Um certo dia, todos se reuniram após a caça até que veio até eles um caçador chamado Esteban que começou a narrar suas aventuras no mundo da caça e até a aparição de animais de existência duvidosa, como um grupo de corças liderado por uma corça branca.

Neste ponto da lenda, a narração de Bécquer já introduziu todos os elementos irrealis e folclóricos no ambiente alternativo de uma floresta. Assim, já é possível notar a dificuldade de se reconhecer a realidade por detrás do ponto de vista do narrador.

Garcês não consegue desprender sua atenção da história de Esteban, pois via na possibilidade de conseguir a proeza de caçar a corça branca e presenteá-la a Constanza, a única maneira de tê-la em seus braços, porque por ela era apaixonado.

Em mais este trecho da narração, nota-se a inserção do elemento da mulher amada e idealizada, característica becqueriana presente em todas as suas lendas.

Assim, após a volta de todos ao castelo, e sem que a história saísse de sua mente, Garcês investiu na caçada, armou-se e adentrou a floresta. A noite avançava e quase a ponto de desistir da falida busca, Garcês avista um grupo de corças que se banhava no rio e, entre elas, a sua corça branca. Após várias investidas para caçá-la e após vários bramidos de súplica da corça para que

não a matasse, Garcés consegue, em fim, acertá-la. No entanto, só ao vê-la banhada em seu próprio sangue é que Garcés se dá conta de que se trata realmente de sua amada Constanza.

6.1 La Cruz del Diablo

La cruz del diablo é uma lenda catalã, ou seja, da província da Cataluña, na fronteira da Espanha com a França. Em sua introdução, o autor já nos deixa claro a caracterização de sua narração como lenda e todos os seus elementos fictícios com o intuito principal de produzir terror em seus leitores:

“Se acreditas ou não, importa-me muito pouco. Meu avô narrou ao meu pai, meu pai a narrou a mim, e eu te conto agora, que não é mais do que para passar o tempo”¹⁴
(BÉCQUER, 1954).

Esta lenda gira em torno de um senhor feudal conhecido como o Senhor do Segre – rio em cuja margem se situa o castelo de sua propriedade – conhecido e odiado por todos pelas suas maldades com vassalos e com os aldeões do povoado de Bellver. Certo dia, o Senhor do Segre decide seguir viagem para conquistar o Santo Sepulcro. No entanto, a felicidade do povoado dura pouco, pois o mesmo retorna e dá seqüência às suas atitudes sangrentas. O povo se une e, numa noite, ateam fogo ao castelo e, em meio às chamas, tal Senhor morre, deixando como prova seu corpo pendurado em sua armadura incandescente. Tempos passam em harmonia quando as desgraças voltam a acontecer e o povoado, atordoado por crer serem obras diabólicas, recorre à ajuda das orações para vencer ao inimigo que parecia haver voltado do além. Já em poder dos aldeões, a identidade do misterioso prisioneiro é revelada ao ser levantada a viseira de sua pomposa armadura e constatar-se que ali, dentro dela, não havia nada nem ninguém. Neste instante, tal armadura se descompõe e cai em pedaços diante de todos. Assombrados, recolhem as peças e, por conselho de um ancião, decidem derretê-la e fazer uma cruz. Quão espantados ficam ao ver a armadura se fundindo, ao ouvir os bramidos e uma legião de demônios que faz os lingotes de fogo se retorcerem. Contudo, a força das orações e da água benta faz com que, finalmente, a armadura se converta em uma cruz.

Considerações finais

Ao se valer das lendas do autor romântico espanhol Gustavo Adolfo Bécquer como conteúdo lingüístico-cultural nas aulas de espanhol como língua estrangeira, pôde-se: responder a muitos anseios dos alunos com relação aos elementos folclóricos desta cultura; inserir a literatura nas aulas de espanhol como língua estrangeira e, por meio da leitura, desenvolver as habilidades da fala e da escrita; fazer um paralelismo entre a Literatura Brasileira e a Espanhola ao comparar os elementos usados nos textos com a nossa realidade; ademais de apresentar as informações mais relevantes da história e geografia da Espanha.

Com o grupo-controle C1, a apresentação das características do autor, de sua vida, de sua obra e de seu contexto histórico foi feita em lousa e com explicação de cada um dos tópicos propostos. Então, sugeriu-se a leitura extraclasse da obra, o que não obteve sucesso em relação às outras atividades pessoais dos alunos. Assim, procedeu-se à leitura em sala de aula na qual se notou ser muito mais proveitoso, pois foram feitas correções na pronúncia; foram sanadas dúvidas do léxico, da estrutura gramatical e da lingüística; foram apresentados, por meio de mapas, todos os fatores geográficos e históricos que pudessem auxiliar na elucidação da mensagem da obra. Assim, com uma abordagem ampla e contundente de todos os conteúdos culturais que envolvem as lendas, os alunos foram capazes de identificar os elementos folclóricos nelas inseridos como: cavaleiros medievais em contraste com os nossos índios heróis e seus personagens, palácios, espadas, armaduras, reis e animais, elementos estes ausentes da nossa realidade literária devido ao contexto histórico e ao geográfico.

Como método avaliativo, usou-se um questionário em que os alunos tiveram que traçar o perfil físico e psicológico de alguns personagens trabalhando vocabulário e, primordialmente, a compreensão das atitudes do personagem baseadas nesse perfil. Outro ponto fortemente questionado na avaliação e que tinha o objetivo de levar o aluno à reflexão versava sobre a tênue linha que separa o imaginário do real. Assim, perguntas do tipo “você acredita que o final é verdadeiro ou é fruto da imaginação de Garcés?”, sobre a lenda “La corza blanca”, produziu as respostas a seguir, das quais foram omitidos os nomes por questão de privacidade, no entanto, as idades foram mantidas por serem importantes na análise da qualidade do resultado do trabalho: “Creo que el final es verdadero porque ella – Constanza – era blanca como una azucena, que

podría ser la corza blanca” (12 anos); “Sí, el final es verdadero, pues la narración nos lleva a creer en esto” (15 anos). Ademais, propôs-se a escrita de uma nova versão para o desfecho da lenda com o intuito de adequar o final característico de Bécquer à realidade dos alunos. A tendência de escrita mais seguida pelos alunos foi a realista, ou seja, fugiu-se do subjetivismo, da idealização, da magia e, os personagens concretizaram suas vidas juntos por meio do casamento, filhos e um final feliz.

O grupo-controle C2 elegeu a lenda “La cruz del diablo” e a sua leitura extraclasse foi igualmente proposta. Fez-se a exposição sobre a vida, a obra e o contexto histórico em sala de aula, no entanto, na data marcada para a discussão, notou-se que alunos não dominaram totalmente o conteúdo histórico, geográfico e literário porque, pelas perguntas respondidas na mesa-redonda, a dificuldade para associar fatos ocorridos com características psicológicas ou geográficas foi notável. Para exemplificar, sobre a lenda “La cruz del diablo”, os alunos confundiram termos como Bellver e Segre, não conseguiram associar as aparições e maldades realizadas pelo personagem principal – Senhor do Segre – no decorrer do tempo da narrativa. O resultado foi uma interpretação truncada, de diversas consultas e releituras rápidas para comprovar o que foi lido e só então absorver as características do autor e da obra.

O acompanhamento de C3, também com o texto “La cruz del diablo”, foi feito de capítulo em capítulo, semanalmente. Logo, três semanas foram usadas para a identificação das características do texto e, se o aluno não salientasse uma determinada característica literária daquele capítulo especificamente ou não notasse a construção da estrutura da frase ou ainda não compreendia a semântica de uma determinada passagem, o professor diretamente instigava a pergunta e, só assim, passava-se para o próximo capítulo na semana seguinte. Ao final da leitura integral do texto, isto é, ao final da terceira semana, os alunos de C3 conseguiram identificar nos mapas o espaço explorado no texto bem como a época em que transcorreram a narrativa e os elementos fictícios, folclóricos usados pelo autor, bem como de suas respectivas funções dentro da obra. A leitura em sala de aula da versão pessoal de um novo desfecho para a lenda veio confirmar o domínio dos alunos sobre a atividade proposta.

Logo, para melhor visualização da descrição dos grupos-controle, dos métodos utilizados e conclusões, expõem-se o quadro resumo:

Grupos-Controle	C1	C2	C3
n	07	04	04
Média Etária	21	17	16
Nível no Marco Comum Europeu	B1	B1	A2
Lenda Trabalhada	La corza blanca	La cruz del diablo	La cruz del diablo
Metodologia utilizada	Apresentação de vida, obra, características da escola literária, contexto histórico e geográfico. Forma de leitura: pessoal e extraclasse.	Apresentação de vida, obra, características da escola literária, contexto histórico e geográfico. Forma de leitura: pessoal e extraclasse.	Apresentação de vida, obra, características da escola literária, contexto histórico e geográfico. Forma de leitura: pessoal e intra-classe.
Avaliação	Questionário, discussão em sala e composição de texto.	Questionário, discussão em sala e composição de texto.	Discussão em sala e composição de texto.
Divergências apontadas	Os alunos na leram o texto extraclasse. Houve leitura em sala de aula.	Os alunos leram parcialmente o texto extraclasse e não houve leitura em sala de aula.	Não houve divergência, pois os alunos seguiram a metodologia proposta.
Conclusões	Havia tempo no cronograma do curso e o resultado foi proveitoso, pois todas as dúvidas foram sanadas, a interação dos alunos foi completa e a multidisciplinaridade, alcançada.	Foram feitas consultas ou releituras rápidas para sanar as dúvidas apresentadas. Desta forma, o conteúdo multidisciplinar foi absorvido de forma integral e satisfatória.	Todas as características indagadas pelo questionário de C1 e C2 foram cobertas oralmente em C3, grupo com o qual se optou em trabalhar mais a fala por necessidades específicas do grupo. A leitura das composições textuais em sala comprovou que o conteúdo multidisciplinar foi absorvido devido às especificidades verificadas nos textos.

Desta forma, embora o trabalho de leitura em sala de aula demande um tempo que pode inviabilizar esta didática – aqui não se discute o tamanho do texto, complexidade ou número de alunos por grupo e ambientação – o resultado obtido é significativamente superior, pois não há escape para informações que, por ventura, tenham passado despercebidas pelos leitores. Além disso, há o despertar para a leitura de uma obra de cunho literário o que requer tempo para ser absorvido na cultura pessoal do aluno que acaba sendo envolvido pelos afazeres cotidianos e pela nova tecnologia, deixando a leitura em segundo plano.

A leitura em sala de aula também é defendida pela técnica do O FANTÁSTICO MAR DE ESTÓRIAS (2003), desenvolvido pela Universidade de Campinas, UNICAMP:

“Para enriquecer o trabalho em nossa prática com este gênero sugerimos que o professor deva contar expressivamente a lenda, utilizando apoios visuais diversificados. Em

seguida o professor e alunos conversem sobre os personagens, situações mais significativas da história, posteriormente ocorrendo a exploração melhor da narrativa, por meio de perguntas sobre tópicos que ficaram esquecidos”.

Por fim, o mais representativo do trabalho ora apresentado é o despertar do interesse dos alunos pela literatura espanhola, o que, mesmo em um breve contato, ajuda no desenvolvimento equiparado das múltiplas habilidades necessárias para o efetivo aprendizado de um idioma estrangeiro, para a aquisição de cultura pessoal ampla e formação docente. Já para o profissional da área que se propõe à aplicação desta metodologia multidisciplinar, todo esse processo é definitivo, pois se o mesmo não tem uma visão consciente de seu trabalho, ele se torna ultrapassado. Assim também pensa BICUDO (1997, p. 74):

“Esse processo de ensinar a ler e escrever é complexo e exige disponibilidade daquele que está em posição de alfabetizar para entender o mundo percebido por aquele que esta para ser alfabetizado. Exige também abertura para o novo, atitude crítica constante, respeito ao que cada um percebeu, entendeu e expressou e ainda exige análise sobre os avanços , os retrocessos e os caminhos que foram abertos e fechados”.

Referências bibliográficas

- ALTAMIRA, Rafael. *Manual de Historia de España*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana. 1946.
- ÁLVAREZ, Eloisa; LOURENÇO, Antonio Apolinario. *História da Literatura Espanhola*. Lisboa: Editora ASA. 1994.
- ÁLVAREZ, Fe Bajo; PECHARROMÁN, Julio Gil. *Historia de España*. Madrid: Editorial Sgel. 2000.
- BECKER, Idel. *Compêndio de Literatura Espanhola e Hispano-Americana*. SP: Companhia Editora Nacional, 1943.
- BÉCQUER, Gustavo Adolfo. *Obras Completas*. Madrid: Ediciones Aguilar, 1954.
- BIBLIOTECA VIRTUAL: RIMAS Y LEYENDAS DE BÉCQUER. Disponível em <<http://www.rinconcastellano.com/sigloxix/psicol.rom.html>>. Acesso em: 13 jan. 2005.

- BICUDO, M. A. V. *Alfabetização: significados possíveis na Educação Brasileira*. Brasília, 1997.
- CEREZO, Sergio Sánchez (Dir). *Diccionario Esencial de la Lengua Española*. Barcelona: Grupo Santillana de Ediciones, 2001.
- ENCICLOPEDIA UNIVERSAL. Disponível em <<http://www.encyclopediauniversal.com>>. Acesso em: 01 jun. 2005.
- O FANTÁSTICO MAR DE ESTÓRIAS. *Curso de extensão Círculo de Estórias e Leitura*. Ministrado pela professora Célia Regina Pereira do Nascimento do Instituto de Educação e Lingüística da UNICAMP, 2003.
- FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. *Língua e Literatura*. Vol. 2. SP: Ática, 1991.
- GUILLÉN, Jorge. *Lenguaje y poesía*. Algunos casos españoles. Madrid: Revista de Occidente, 1962.
- GUTIÉRREZ, Fermín Estrella. *Historia de la Literatura Española*. Buenos Aires: Editorial Kapelusz, 1945.
- La suprema elegancia. *Diario de Sevilla*, Sevilha, 30 out. 2000. Disponível em <<http://www.pueblacazalla.com/ayto/paginas/lapuebla/personajes/antoniofuentes.htm>>. Acesso em: 19 out. 2005.
- LÓPEZ, José García. *Historia de la literatura española*. Barcelona: Ediciones Vicens Vives, 1996.
- MICOTTI, M.C.. *Piaget e o processo de alfabetização*. São Paulo: Pioneira, 1980.
- MATHAR NETO, João Augusto. *Metodologia Científica na Era da Informática*. SP: Saraiva, 2003.
- NICOLA, José de. *Língua, Literatura & Redação*. Vol 2, São Paulo: Editora Scipione, 1993.
- QUILES, Margarita Barberá. *Gustavo Adolfo Bécquer - Dos Leyendas*. São Paulo: SBS, 2001.
- QUINTERO, Joaquín Álvarez & Serafín Álvarez. *Gustavo Adolfo Bécquer: Obras Completas*. Madrid: Ediciones Aguilar, 1954.
- RÍO, Ángel del. *História de la literatura española – Desde 1700 hasta nuestros días*. Barcelona: Ediciones B,S.A., 1998.
- TERZI, Sylvia Bueno. *A construção da leitura*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

Notas finais

¹ “Fue una época de crecimiento económico en la que se sentaron las bases de un moderno sistema capitalista y se emprendió una activa política exterior [...]”.

² “Sin embargo, junto a este Romanticismo arcaizante, tradicionalista y cristiano, toma incremento años más tarde otro de tipo revolucionario y liberal, que pretendía la destrucción de todos los dogmas morales, políticos y estéticos hasta entonces vigentes. Su auge coincide con la revolución francesa de 1830 y el triunfo del liberalismo en la mayor parte de los países europeos. En España el comienzo del Romanticismo revolucionario se debe sobre todo a la vuelta de los emigrados liberales con motivo de la muerte de Fernando VII”.

³ O nome correto de Doña Manuela está envolto por enorme controvérsia nas fontes pesquisadas. Encontraram-se grafias como Monchay e Monahay, no entanto, após pesquisa no site www.geneanet.org, que lista os antepassados e sua árvore genealógica, pode-se deduzir que seu sobrenome é Monnehay, de origem francesa, pois seu pai era um perfumista desta origem instalado em Sevilha. Ademais, do sobrenome Monchay não há registro algum e sobre o Monahay não se encontraram fontes suficientes para afirmar a origem do mesmo.

⁴ ...“cuanto el niño podía apetecer y necesitar: ternura de madre, calor de nido y libros, muchos libros, donde aquel espíritu sediento y ambicioso pudiera saciarse. Y aunque la buena señora aspiraba a que el niño se hiciese pintor, como medio seguro de vida, ya que el serlo, además, le venía de casta, fue ella, sin presumirlo, la que con aquellas lecturas afianzó su vocación verdadera y lo hizo escritor”.

⁵ Obra dramática e musical na qual, alternadamente, representa-se através da fala, da música e da dança.

⁶ “Aquel día hubo en Madrid un eclipse de sol. No es metáfora”

⁷ “Fragmentos de poesías, de artículos, y aun bosquejos de dibujos a lápiz y a pluma, salpican arbitrariamente las hojas que antes estaban destinadas a contener apuntes de orden económico. Ya nos encontramos el principio de una leyenda, semilla quizá de las Tres Flechas o del Rayo de Luna; [...] versos horacianos; [...] un audaz estudio crítico sobre Hamlet [...]”.

⁸ “De espíritu idéntico al de la poesía y no inferior en calidad artística es la prosa de las *Leyendas*: vaporosa, delicada, rítmica, abundante en descripciones, imágenes y sensaciones [...] se objetiviza el mundo sentimental y lírico de las rimas.”

⁹ “Pues bien: de este vivir febril, atormentado, enfermizo y alentador a un tiempo; de este arrastrar el cuerpo miserable y dejar al alma subir a las estrellas; de este no querer discernir nunca lo que es verdad de lo que es soñado; de este solitario meditar horas y más horas sobre la pasión, sobre el amor, sobre la Naturaleza y el misterio; de este oír que la fuente ríe y que lloran las hojas secas; de este perseguir a una mujer „de niebla y luz...”, vista por él entre los desengaños de humanos amores; de esta, en fin, incesante y viva gestación del cerebro [...]”

¹⁰ “[...] incomparable y fino poeta, creador, sin saberlo, de una nueva poesía: la poesía del sentimiento y de la delicadeza sutil, de la nota breve, simple, pero llena de sugestión, antes desconocida en la poesía española.”

¹¹ “Figura cumbre de la lírica del siglo XIX español, Bécquer puede ser considerado, gracias al hondo subjetivismo y a la forma desnuda y alada de sus versos, como el punto de arranque de una línea que habrá de conducir a la obra de los grandes poetas de las primeras décadas de nuestro siglo XX”.

¹² Sobre este assunto, acesse o site do Instituto Cervantes, www.cervantes.es, e leia o Guia para obtenção dos diplomas de espanhol (DELE).

¹³ “Y en dejar siempre interpuesto un velo de misterio sobre lo real”.

¹⁴ “Que lo creas o no, me importa bien poco. Mi abuelo se lo narró a mi padre, mi padre me lo ha referido a mí, y yo te lo cuento ahora, siquiera no sea más que por pasar el rato”.